

No HBB, há corridas desesperadas pela vida

Num único elevador, doentes se misturavam a roupas sujas

LUCIANA NAVARRO
LARISSA GUIMARÃES
REPÓRTERES DO JB

Pacientes, médicos e funcionários andavam no mesmo elevador das roupas sujas e materiais utilizados no Hospital de Base de Brasília. Chegar ao 11º andar estava mais difícil que nunca. Dos quatro elevadores do prédio, apenas um funcionava. Nos horários de maior movimento, era preciso esperar cerca de 15 minutos para conseguir subir.

Ontem, conforme constatou o **Jornal do Brasil**, a demora para chegar ao 7º andar prejudicou o quadro clínico de um paciente de 6 anos. Com um edema cerebral, o garoto foi encaminhado do Pronto Socorro à pediatria. Passou quase 20 minutos esperando. Quando chegou ao destino, tinha piorado e foi encaminhado para o centro cirúrgico. Mais uma vez, enfrentou uma fila para pegar o elevador. Teve de esperar um bebê de cinco meses, com tumor cerebral, descer na sua frente. Depois de 10 minutos o garoto finalmente alcançou o centro cirúrgico.

Na correria pela vida, muitos pais acabam descendo escadas apertadas com os filhos doentes no colo. Na terça-feira, uma mãe desceu as escadas carregando um bebê com as duas pernas engessadas.

Além da demora que pode ser fatal, há o perigo de contaminação. O chão do elevador tem luvas cirúrgicas usadas, casca de banana e muito pó. Is-



Cristiano Costa/BGPress

Hospital de Base, no Centro de Brasília, está com problemas

so sem falar da lentidão do equipamento. Segundo médicos da pediatria, que preferem não se identificar, a ala está bastante prejudicada. Falta desde esparadrapos e luvas a antibióticos e remédios de alto custo.

Ontem à tarde, o secretário de Saúde Arnaldo Bernardino se reuniu com setores da administração e médicos do Hospital de Base para identificar problemas no atendimento. A reunião foi feita a portas fechadas.

Tentando achar uma solução para o problema de saúde em Brasília, representantes do Ministério Público Federal e do DF se reuniram ontem para pedir uma nova auditoria ao Ministério da Saúde. Os MPs propõem uma fiscalização mais ampla e aprofundada que a primeira realizada há duas semanas. A auditoria foi determina-

da pelo ministro Barjas Negri. O pedido foi feito dias depois que a estudante Valdirene dos Santos morreu por falta de medicamentos contra câncer.

– Queremos definir de quem é a responsabilidade pelo quadro da Saúde no DF. Todo mundo fala em auditoria, mas ninguém aponta os culpados – disse Jairo Bisol, promotor de Defesa dos Usuários da Saúde Pública do DF.

O promotor acredita que a auditoria feita pelo ministério da Saúde não passou de uma inspeção.

Na terça-feira, o MPDF recomendou que a Secretaria de Saúde do DF não pagasse os R\$ 12,5 milhões de dívidas com fornecedores de medicamentos sem licitação até que tudo fosse esclarecido.

lnavarro@jb.com.br
larissag@jb.com.br



BERNARDINO